

O BEIJA-FLOR.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

ASSIGNATURA
POR TRIMESTRE
1\$000 RÉIS.

COLLABORADORES — DIVERSOS.
PUBLICA-SE QUINZENALMENTE AOS DOMINGOS.

PAGAMENTO
ADIANTADO.
2.º TRIMESTRE.

Anno de 1868.

Domingo, 29 de Março.

N. 10.

O BEIJA-FLOR.

Desterro, 29 de Março de 1868.

O Brasil, a terra das florestas virgens e da virgem natureza, das catadupas vertiginosas e dos rios gigantes; a terra dos guerreiros Tobajáras e Tamoyos; a terra em que se falla a suavissima lingua Portugueza; o Brasil, dizemos, devia ser tambem a terra da poesia, devia ser a patria de poetas.

Com effeito seria de extranhar que, onde tanto e tão esplendidamente se desvelou a natureza, não germinasse a semente do genio... O Brasil tambem tem produzido poetas, e poetas grandes. Si os seus nomes não são todos apregoados pelo mundo, é isso devido antes ao pouco ou nenhum apreço em que é tida a lingua Portugueza, do que á falta de ingenho e de outros dotes que constituem os verdadeiros poetas. Assumptos aridos teem sido por elles tractados com tal suavidade e com tantas bellezas, que se tornam verdadeiramente poéticos e dignos da admiração de quantos ainda leem o que em Portuguez se-escrevê.

Entretanto ha quem diga que o Brasil não tem Litteratura propriamente sua, porque tudo que cá se-escreve ainda cheira a Portugal.

Não é isto argumento em que se-baseie aquella opinião, porquanto (não fallando das composições de menor vulto) já tem o Brasil alguns poemas essencialmente Brasileiros que houram os nomes de seus auctores, e que por si sós já formariam uma Litteratura; e embora não livesse ainda taes poemas, nem por isso deixaria de ter uma Litteratura, porque as obras litterarias compostas por Brasileiros são Brasileiras, e constituem necessariamente uma Litteratura Brasileira, ainda que tenham o cunho Portuguez.

A Litteratura existe desde que teem existido litteratos que tenham trabalhado e publicado as suas obras; e o Brasil os-tem tido já tantos, que

inutil fóra nomeal-os todos. Bastam os nomes de Sancta Rita Durão, de Claudio Manuel da Costa, de Francisco de S. Carlos, de Souza Caldas, de Teixeira e Souza, de Azevedo, de Gonçalves Dias, de Magalhães e de Porto Alegre, bastam estes nomes, dizemos, para provarmos que o Brasil tem sido fecundo em genios, e esses genios bastam para crearem e sustentarem uma Litteratura.

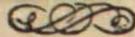
Si, ainda assim, os demasiado exigentes julgarem que as obras compostas por Brasileiros são poucas para constituirem uma Litteratura, responderemos que a grandeza das Litteraturas se não deve medir pela grandeza dos paizes, mas sim pelos séculos de sua existencia como nações, pela sua população, e pelos meios de geral instrução de que poderam dispor desde que começaram a existir. Assim o Brasil, que ainda não conta meio seculo como nação, que apenas tem dez ou doze milhões de habitantes, e que nos tempos coloniaes rarissimos livros importava da metrópole, si não mente a Historia, não póde tambem ter uma Litteratura que em vastidão se-compare com as de França, de Italia e de Allemanha.

As nossas razões são fraquissimas para provar a existencia da Litteratura Brasileira, mas os factos por si mesmos a-provam exuberantemente.

Não ha tambem motivo para que ella seja distincta da Portugueza, porque não nos-consta que a Norte-Americana o-seja da Ingleza, nem a das republicas de origem Hespanhola da de Hespanha.

Não obstante o quanto temos dicto, entendemos que a Litteratura do Brasil e a de Portugal se-classifiquem como *Litteratura Portugueza*, porque tal é a lingua que fallamos; mas dividida em duas escholas distinctas — Portugueza propriamente, e Brasileira. Para a for mação d'esta com affinco trabalham os nossos poetas e romancistas modernos, e certo que hão de conse-

guir o seu intento, embora lhes-falte já o concurso de Gonçalves Dias, o cantor de Tabyra, que tão Brasileiro foi, e que tão bem conhecia a lingua dos primitivos habitantes d'estas terras como a que dos descobridores herdámos; hão de levar a effeito o seu intento, porque lhes-sobra o ingenho, porque a natureza se presta a alimentar inspirações, porque a Historia patria já consigna em suas paginas de marmore brilhantes feitos de armas, e exemplos numerosos de valor, de abnegação e de constancia.



Il voit la postérité qui s'avance pour
recevoir son nom. THOMAS.

No horizonte das nossas esperanças, lá n'esse azul poetico da bella mocidade, em q' o espirito todo se enlêva, e o coração adeja, corre, tornando muitas vezes a abraçar as suas utopias, como objectos da sua natureza, ou scentelhas vivas e animadas de sua luz brilhante — lá um novo mundo, um theatro magnifico, cujas scenas redobram de encantos na extensão de sua claridade, e que a imaginação o embelleza ainda mais — se encerra no meio d'esses attrativos para corôar de sua formosura os nossos mais sublimes sentimentos.

A idéa só de um estado futuro, mais nobre e mais elevado, em que o nosso espirito se veja envolvido n'essa aureola de felicidade, que nós acêna d'aquellas esperanças — seja para nós um grande convite; e liguemos o nosso cuidado á esse desejar profundo da instrucção, porque a vontade, esse poder que em nós se revella, só apparece em toda sua energia, quando meditamos e estudamos o objecto desejado.

A luz da instrucção é o brilho, que os raios do sol demonstram dever se estender á todos os logares, e produzir em nossa intelligencia os seus beneficos effeitos. E' aquella alampada q' allumiou os grandes homens, e q' nós almejamos por alcançal-a, embora não sintamos esse talento, que as suas fronte magestosas corodou de louros immurchaveis. A aspiração é um dever da mocidade. Nós q' sentimos a vida na quadra das flores, e esperamos, tambem temos crenças, tambem aspiramos.

A natureza é o livro do moço. A poesia, o amor e a virtude alli estão encerradas, e em cada flôr que brota, ou aurora que apparece surgem mil encantos, que a ima-

ginação exlasiar, e entornam em nossos corações uovos sentimentos, e verdadeiras imagens que a rasão não deixa de abraçal-as, beijando-as muitas vezes. A natureza não é só o brilho dos olhos, é tambem um extasis da alma, é a verdade no meio dos attrativos, na flôr e no espaço, na luz e na floresta.

A rasão, essa faculdade superior, que possuímos para julgar, e nos dirige os passos na comprehensão dos nossos deveres, não consideramol-a nós esse martyrio philosophico que alguns incredulos da poesia, e severos pensadores do positivismo, querem incutir em nossos animos, q' apenas ensaiando os seus primeiros vôos de avesinhas timidas, porém já confiantes nas suas poucas forças —vão se vigorando, e só depois de ter muitas vezes contemplado a flôr e o regato, a montanha e o rochedo batido das ondas brandas ou raiosas, é que deverão lançar seus olhos não para o nada — o positivismo; não para o calculo, que é o verdadeiro martyrio, mas para Deus e seus attributos, como consequencia sublime da sua admiração sobre a natureza.

— Nós o dizemos e assim o pensamos: a rasão é o amor da verdade, a sua essencia não pôde repugnar a luz, que recebeu de uma formosura infinita, do fulgor immenso, que se manifesta no espaço, no mar, na flôr e nas estrellas.

Pensem no futuro, e que o primeiro incentivo, pelo qual queramos chegar á esse tão subido grão de conhecimentos, seja o do brilho da aurora, desse entreabrir poetico das flores da manhã sobre o azul tão bello dos céos, seja o sorrir da flor se orvalhando com os beijos da brisa, o cantar dos passarinhos, o bater das ondas, enfim a natureza inteira, que encerra mil maravilhas, e que cada uma d'ellas é um canto de harmonia nos amenizando o coração.

Trabalhem, a luz do futuro está em cada flor, ou belleza que admiramos. A vóz do espaço no seo constante movimento diz: trabalha; o poetico brilho da madrugada se destendendo pelas florestas lhes desperta suas avesinhas para trabalharem; o murmuro doce da brisa falla nas montanhas, e diz ás flores — sorri. A natureza é o quadro da actividade: o pensamento deve abraçal-o, seguil-o.

Silvio Pellico.